

Um textinho só pra tentar contar no que eu me baseio pra chegar nessa lista de 20...

Mauricio Pereira

O assunto música paulista (em especial a música paulistana), é sempre efervescente dentro de mim. Ser um artista paulistano no Brasil permanentemente me obriga a tentar entender o que seja (e onde está) a brasilidade do meu trabalho. Colocar São Paulo num contexto, tentar entender o que é ser paulista, em que condições históricas se deu a formação da cabeça do nosso estado. Pensar onde e quando nasce – e como se manifesta – o caráter da cultura paulista.

Logo de cara me vêm à cabeça o ciclo do café, que explodiu por aqui no meio do século 19. E com ele as imigrações (os italianos, os libaneses, os japoneses), a grande cidade que cresceu loucamente no século 20, cercada de fábricas, o rádio, o cinema, automóveis: a cultura de massa e outros quetais, quetais velozes... Enfim: a cultura de São Paulo cresceu rápido, muito rápido, e com dinheiro a rodo, dinheiro rápido, dinheiro que faz mudanças acontecerem rápido.

De modo que, só pra botar meu texto no contexto, vou ter que considerar a influência do dinheiro, do capital, do mercado, e o desenraizamento, como fatores importantes pra entender a cultura daqui. E, por conseguinte, a música daqui.

O caldo de cultura da cultura da gente. O Brasil, uma cultura jovem se comparada à Europa, ao Oriente, China, Índia, mundo árabe. Afinal, são apenas quinhentos e poucos anos de Brasil, né? E dentro do Brasil, São Paulo é uma cultura jovem. Mais que Bahia, Pernambuco, Rio, São Luiz, Vila Rica. Nós aqui não tivemos um barroco relevante. Nosso crescimento se deu com imigrantes tentando fazer a América, já quase no século 20, self made men fazendo fortuna numa cidade que crescia rápido (e com muita desigualdade financeira e cultural/educacional), Matarazzo, Crespi, Jafet, Maluf (e outros tantos sobrenomes importantes pelo interior afora). E a cultura no rastro (no resto? no centro?) disso tudo. Uma urbanização rápida, desordenada, misturada, misturando.

Minha família é de Campinas: Campinas nunca foi exatamente o que se chama de uma cidade do interior (assim como várias outras cidades do interior paulista, nascidas com a estrada de ferro, comércio, serviços): minha avó me contava que assistia regularmente por lá óperas encenadas por companhias italianas.

Mas, principalmente, a meu ver, a cultura paulista é uma cultura de rua (e pra ter rua tem que ter cidade, bairro, rural ou urbano), não é uma cultura que tenha nascido em salões. Eu não a enxergo tão acadêmica ou tão da corte como podem ter sido Pernambuco, Bahia e Rio. Enquanto o couro comia por aqui, com a economia bombando via café, o Rio era a Corte, tinha missão francesa, escritores e tudo o mais, assim como Bahia, Pernambuco, Maranhão, de colonização mais antiga e mais voltada à Europa, numa época do mundo em que as influências na cultura se davam de uma maneira bem mais lenta.

Acredito que não é por acaso que um dos nossos grandes mestres da canção, Adoniran Barbosa, tem como característica forte o português errado, o pequeno fato cotidiano narrado com poesia, uma certa melancolia simples, mais de cidadão comum que de “artista”.
Sobre critérios.

Uma das coisas importantes pra nós foi pensar onde a carreira do artista se fez. Tom Zé ou Arrigo Barnabé me soam sempre muito paulistas. Do mesmo modo, o Alfredo Le Pera, o grande parceiro do Carlos Gardel, que nasceu aqui no Bixiga, não soa. Também enxergo o Vadico, paulista, parceiro freqüente do Noel Rosa, dentro desse sentimento. Ou seja, entender o que é um paulista num estado que sempre teve muita mobilidade populacional, onde muita gente é “de fora”, em especial na capital.

Por conta da cultura paulista ser muito cosmopolita (quase ‘gringa’ dentro do país...) e dessa variedade enorme de origens das pessoas que vivem aqui, imaginei que versões pro português de clássicos do pop, rock, jazz, seriam uma vertente interessante da produção local. Adoro versões, acho que elas são uma fatia muito importante da produção musical brasileira, e de modo geral sempre foram feitas por grandes compositores, que vez por outra se debruçavam sobre um sucesso estrangeiro.

Começamos buscando os clássicos incontestáveis da memória paulista, pra tentar partir do que havia em comum no pensamento dos curadores. E pude perceber que há gêneros que imediatamente se apresentam, como a música caipira, como o samba da cidade de São Paulo.

Como eu já falei anteriormente, pelo fato de São Paulo ter crescido no século 20, muito ao sabor do capitalismo e da cultura de massa, tenho a visão de que a música mais comercial, simples, massiva, de rádio, tem um papel muito importante na cultura local. A alma de São Paulo é pop, a produção em série e o comércio estão no nosso espírito. Por conta disso, gêneros como o brega, o sertanejo, o pagode, o rock, o rap, em minha opinião, se apresentam como muito representativos da maneira pela qual o paulista cria música. Mostram valores, uma hierarquia estética, e também dão conta de como é o universo cultural dum lugar onde a desigualdade social e educacional são muito fortes. Enfim, cada extrato da sociedade produz arte com os elementos que estão à sua mão.

Alguns desses gêneros, mais recentes, como o pagode romântico e o rap, ilustram também como a periferia da cidade de São Paulo foi ganhando espaço na produção de cultura, sua visão de mundo, sua chegada ao business de música.

No caso do rock, parece que ele foi feito pra São Paulo, em especial à capital. Áspero, primitivo, barulhento, direto. Sensorialmente, me parece a música ideal pra furar a pressa, o ruído e a superficialidade da metrópole, a padronização do dia a dia.

Fato interessante: a nossa conexão roqueira não é meramente inglesa e americana. Tem uma conexão italiana muito forte. A raiz do rock paulista é muito ligada aos bairros operários da colônia italiana, como Moóca, Pompéia, Cambuci. De lá vêm Mutantes, Incríveis, Made in Brazil, e tantos outros. Os grandes guitarristas locais são oriundi, o nosso herói é o Luiz Carlini, que vocês ouvem tão bem em “Ovelha Negra”. Essa italian connection é a mãe do sotaque do nosso rock...

Ainda falando em rock, vital ressaltar a importância do punk rock no cenário local, com bandas como Inocentes, Cólera, Ratos de Porão.

Já a música instrumental paulista me remete a dois fatos: o coreto do interior e a influência do jazz. Nos dobrados e valsas tem muito da alma paulista, das cidades do interior ouvindo música popular na praça, nas cidades que cresciam em torno da economia do café, gerando música e músicos. Zequinha de Abreu, que está presente aqui com o incontestável “Tico Tico no Fubá”, vem de uma dessas cidades, Santa Rita do Passa Quatro. Outra parte do caráter paulista, que é o músico que estuda, abstrai, que é intensamente técnico em sua abordagem musical, na composição, nos arranjos. Coisa bem urbana. Paulinho Nogueira é um desses casos: além de grande artista, era referência no ensino do violão.

Também dentro dessa abordagem artística com altas doses de informação/formação, a “vanguarda paulista” foi uma safra de artistas criativos e críticos, próximos à universidade, alunos ou professores, relendo, revendo a tradição da canção duma maneira fortemente carregada de informação, metalinguagem.

Reverenciar os mestres fez parte dos nossos critérios, então compositores como João Pacífico, Angelino de Oliveira, Cornélio Pires, Adoniran Barbosa, Paulo Vanzolini, entre outros, também estão contemplados aqui.

E é também o caso de gêneros que são importantes também pela sua repercussão comercial, que, em última análise, é sinal de comunhão entre público e artista, e não apenas uma consequência da massificação da indústria cultural. É o caso do rock paulista de Titãs, Ira!, Ultraje a Rigor.

Ou do sertanejo mais pop, que tem uma linha evolutiva bem clara até, Tonico e Tinoco, Milionário e José Rico, Chitãozinho e Chororó, João Paulo e Daniel, e por aí afora. Ou o pagode, releitura pop do samba nascida na periferia de São Paulo, ABC, Baixada Santista, representado aqui por uma faixa do grupo Katinguelê que ilustra bem os elementos da linguagem desse gênero muitas vezes subestimado, e que certamente ainda não foi estudado com a devida seriedade pela academia, que nos últimos anos tem se debruçado sobre a música popular como objeto de estudo.